



**OS ÍDOLOS DA CAVERNA E A SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA: DO NARCISISMO
BIOPSILOCULTURAL**

***THE IDOLS OF THE CAVE AND CONTEMPORARY
SOCIETY: FROM NARCISSISM
BIOPSILOCULTURAL***

ROSA, Luiz Carlos Mariano da¹

RESUMO

Correlacionando-a à sociedade contemporânea, o artigo em questão acena com a leitura dos ídolos da caverna [Bacon], detendo-se especificamente na questão que envolve a natureza do indivíduo, cuja tendência não se impõe senão para adaptar ao arcabouço de sua perspectiva o conteúdo resultante do processo de endoculturação, convergindo, em suma, para as fronteiras da dogmatização, conforme assinala a emergência do cientificismo materialista que, em nome do progresso, institui a crença nos pressupostos tecnocientíficos, propondo a credibilização das referencialidades do arcabouço da ciência e da circunscrição da técnica como condicionalidades determinantes da emancipação social, caracterizando-se, pois, como uma falsa noção, tal como atestam as suas consequências.

Palavras-chave: ídolos, ideologia, educação, sociedade.

ABSTRACT

Correlating it to contemporary society, the article in question beckons with the reading of the idols of the cave [Bacon], holding specifically that the question involves the nature of the individual, whose trend can prevail only to adapt the framework of your perspective content resulting from the endoculturação, converging, in short, to the borders of dogma, as highlighted by the emergence of materialistic scientism, in the name of progress, establishing the techno-scientific belief in the assumptions, proposing the credibility of the referential framework of science and technical division of conditionalities as determinants of social change, characterized because, as a false notion, as evidenced by the consequences.

Keywords: idols, ideology, education, society.

¹ Poeta, investigador e ensaísta (autor de O Todo Essencial, Universitária Editora, Lisboa, Portugal). Email: marianodaroaletras@uol.com.br.



Os ídolos da caverna são os dos homens enquanto indivíduos. Pois cada um – além das aberrações próprias da natureza humana em geral – tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza: seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranquilo; de tal forma que o espírito humano – tal como se acha disposto em cada um – é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações, e até certo ponto sujeita ao acaso. Por isso, bem proclamou Heráclito que os homens buscam em seus pequenos mundos e não no grande ou universal (BACON, 1999, p. 40).

Aspectos Introdutórios

“Falsas representações, profundamente enraizadas no espírito humano, que impedem seja seguido o verdadeiro caminho da ciência” (FERREIRA). Remetendo às imagens que desfilam na parede da caverna do Livro VII da República, que compreende a alegoria platônica (BARAQUIN; LAFFITTE, 2004, p. 53), os “ídolos” de Bacon, segundo a leitura metafísica e religiosa que circunscreve a sua teoria do conhecimento, configurando os preconceitos e as noções falsas que obstaculizam a apreensão da realidade, constituem “predisposições para o erro, ilusões que falseiam o juízo e que constituem 'verdadeiros obstáculos' (*offendicola*) ao progresso do saber” (BARAQUIN; LAFFITTE, 2004, p. 53, grifo do autor).

Os ídolos da caverna (*idola specus*), de acordo com Bacon, emergem como erros peculiares ao indivíduo, aos quais mantém

raízes na constitutividade biopsicocultural, na estruturalidade do caráter constituído pela natureza e pela criação, tanto quanto pela disposição ou condição de corpo e mente (DURANT, 2000, p. 139), resultando também dos preconceitos incorporados através do processo de socialização que, da relação educacional à comunicação intersubjetiva, implica a transmissão do legado cultural, como defende o aforismo XLII, que sugere que cada indivíduo procede como se tivesse encerrado a sua própria personalidade em uma caverna.

Guardando correspondência com os pressupostos psicofisiológicos e sócio-históricos (biográficos), à decorrência de características de ordem individual (como a educação, o hábito ou o ambiente), se impõe o pensamento de Heráclito (Fragmento 2), usado por Bacon como referencialidade no aforismo em questão:

Por isso convém que se siga a universal (razão, *logos*), quer dizer, a (razão) comum: uma vez que o universal é o comum. Mas, embora essa razão seja universal, a maioria vive como se tivesse uma inteligência absolutamente pessoal (Apud BACON, 1999, p. 40, grifo do autor)

Os Ídolos da Caverna e o Cientificismo Materialista

Distinguindo-se da abordagem dos ídolos da tribo (*idola tribus*), inatos à espécie humana, Bacon, na leitura dos ídolos da caverna, detendo-se especificamente na questão que envolve a natureza do indivíduo, trata da tendência que esta carrega de adaptar ao arcabouço de sua perspectiva o conteúdo resultante do processo de endoculturação, cujos valores, escapando às fronteiras da universalidade (que demandam a intervenção da objetividade da experiência sensível na construção do conhecimento, segundo a visão baconiana), convergem para a estruturalização da dogmatização, a



definição da indiscutibilidade de princípios em função dos quais se impõe a sistematização da interpretação da realidade.

Nesse sentido, pois, à instauração do ideal “prometéico”² da ciência, que traz o fundamento da leitura baconiana, se impõe o cientificismo materialista que, à medida que, em nome do progresso, institui a crença nos pressupostos tecnocientíficos, propondo a credibilização das referencialidades do arcabouço da ciência e da circunscrição da técnica como condicionalidades determinantes da emancipação social, emerge como uma falsa noção, tendo em vista as consequências que envolvem, em suma, o comprometimento tanto das vivencializações intersubjetivas quanto da existencialidade do sujeito autônomo, refém da sociedade unidimensional.

Se a cultura incorpora, sob a influência do empirismo de Locke (1632-1704) - e, antes, de Bacon (1561-1626), que propõe uma sociedade entre a razão e a experiência como única possibilidade de progresso da ciência -, uma tendência naturalista que desemboca no positivismo (que se torna, então, paradoxalmente, “religião”³, literal e figurativamente) de Comte (1798-1857) do séc. XIX que, inspirado pelo Iluminismo do séc. XVIII (que exaltava a capacidade humana de conhecer o mundo através da ciência,

expressão de rigor, objetividade e previsibilidade), institui a prática reducionista⁴, encarregando-se de construir os valores arquetípicos da sociedade moderna, os quais vigoram, subjacentes, no organismo de cada uma das disciplinas filosóficas que se “cientificaram” (em alguns casos, por identidade patogênica, em outros, por relacionalidade híbrida), constituindo, então, a base do processo formativo-educacional contemporâneo, cuja gestação, através de uma conjuntura sócio-cultural que traz como eixo a teoria contratualista (que, tendo Locke como um dos pensadores, procura justificar a legitimidade da ordem sócio-política), fundamenta-se na inter-relação que envolve das referencialidades incorporadas pelo arcabouço do conhecimento (a saber, o racionalismo, o antropocentrismo, o individualismo) aos “mitos” que neste percurso histórico a ciência gera (como o “mito do cientificismo”, o “mito da tecnocracia”, o “mito do especialista”, entre outros).

Contraopondo-se à razão comunicativa, que supõe a correspondência dialógica, a relacionalidade interativa entre as individualidades da comunidade, mediada pela linguagem, processo discursivo, impõe-se, em nome dos mitos antes referidos, a razão instrumental que, correspondendo às inescapáveis necessidades do processo formativo-educacional contemporâneo, o trabalho, engendra o seu arquétipo, a saber, o *homo faber*, configurando o exercício da racionalidade científica, segundo Habermas (1929), característica do positivismo, que objetiva a dominação das forças da natureza para fins outros que redundam em sua própria autodestruição, tendo em vista que “a história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a história da subjugação do homem pelo homem”

2 Relativo a Prometeu - símbolo do advento da técnica -, figura da mitologia grega que roubou o fogo dos deuses para dá-lo aos homens.

3 Defendendo a lei dos três estados que prefiguram o progresso da humanidade, a saber, o estado teológico, o estado metafísico e o estado positivo, Comte estabelece a ordem de sucessão das ciências, que mantém relação de correspondência com uma generalidade decrescente e uma complexidade crescente: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia. Se a sociologia, física social ou ciência dos fatos humanos (antropologia), se impõe, segundo a leitura de Comte, como a única ciência capaz de sintetizar todos os conhecimentos, relacionando-os com o homem, a moral, que se circunscreve à inteligência, à atividade e à afetividade, emerge como a sétima ciência positiva, assinalando “a via de uma religião, cujo objeto de amor (o “Deus”) é a Humanidade, e o sociólogo o sacerdote que realiza o culto dos Grandes Homens” (BARAQUIN; LAFFITTE, 2004, p. 98).

4 1º. Reduz o objeto próprio das ciências à natureza observável; 2º. Reduz a filosofia aos resultados das ciências; 3º. Reduz as ciências humanas às ciências da natureza.



(HORKHEIMER apud ARANHA; MARTINS, 1995, p. 9.).

Obedecendo a uma lógica desvinculada de fins humanos, a razão instrumental, predominantemente técnica, usada na organização das forças produtivas visando atingir níveis altos de produtividade e competitividade, torna-se o pressuposto do *homo faber*, reivindicando do processo formativo-educacional não somente a adaptação de suas estruturas às disciplinas que correspondam à demanda de técnicos e cientistas decorrente do avanço da tecnologia, mas principalmente a incorporação de uma perspectiva que se sobrepõe, em suma, à razão vital, que rege o mundo vivido das experiências pessoais e da comunicação interpessoal, tendo em vista que

[...] a racionalidade que separa sujeito de objeto, corpo e alma, eu e mundo, natureza e cultura, acaba por transformar as paixões, as emoções, os sentidos, a imaginação e a memória em inimigos do pensamento. Cabe ao sujeito, destituído dos seus aspectos empíricos e individuais, ser o mestre e conhecedor da natureza; ele passa a dar ordens à natureza, que deve aceitar sua anexação ao sujeito e falar sua linguagem – linguagem das matemáticas e dos números. Só assim a natureza poderá ser conhecida, isto é, *controlada*, dominada, o que não significa ser *compreendida* em suas dissonâncias em relação ao sujeito e nos acasos que ela torna manifestos. Os acasos da natureza são incontornáveis porque constituem um obstáculo resistente ao exercício triunfante da razão controladora.

A ciência domina a natureza 'abolindo' matematicamente os acasos através do cálculo estatístico, mas não controla a 'incoerência da vida' (MATOS apud ARANHA; MARTINS, 1995, p. 124)

Liames do processo formativo-educacional - que antes da Revolução

Científica (séc. XVII), da qual Galileu (1564-1642) torna-se a principal referencialidade, corresponde aos paradigmas do modelo aristotélico de inteligibilidade (objeto da crítica baconiana) -, aos “ismos” em questão se impõe o comentário que Bacon desenvolve entre os aforismos LIV e LVIII, nos quais se detém na análise das condicionalidades que possibilitam a gestação dos ídolos da caverna, cujas “espécies são múltiplas e várias”, como esclarece:

Os homens se apegam às ciências e a determinados assuntos, ou por se acreditarem seus autores ou descobridores, ou por neles muito se terem empenhado e com eles se terem familiarizado. Mas essa espécie de homens, quando se dedica à filosofia e a especulações de caráter geral, distorce e corrompe-as em favor de suas anteriores fantasias. [...] A maior e talvez a mais radical diferença que distingue os engenhos, em relação à filosofia e às ciências, está em que alguns são mais capazes e aptos para notar as diferenças das coisas, outros para as suas semelhanças. [...] Mas tantos uns como outros podem facilmente incorrer no exagero, captando em um caso a graduação das coisas, em outro as aparências.

É desse modo que se estabelecem as preferências pela Antiguidade ou pelas coisas novas. [...] E é o que tem causado grandes danos tanto às ciências quanto à filosofia, pois faz-se o elogio da Antiguidade ou das coisas novas e não o seu julgamento. [...]

O estudo da natureza e dos corpos em seus elementos simples fraciona e abate o intelecto, enquanto o estudo da natureza e da composição e da configuração dos corpos o entorpece e desarticula. [...] Assim, pois, se devem alternar ambas as formas de observação e adotar cada uma por sua vez, para que se torne a um tempo penetrante e capaz e se possam afastar os inconvenientes apontados, bem como os ídolos deles provenientes.



Essa seja a prudência a ser adotada nas especulações para que se contenham e desalojem os ídolos da caverna, os quais provêm de alguma disposição predominante no estudo, ou do excesso de síntese ou de análise, ou do zelo por certas épocas, ou ainda da magnitude ou pequenez dos objetos considerados. [...] (BACON, 1999, p. 45-46)

Esse contexto perspectivacional converge para denunciar a dimensão da ruptura que se impõe entre o pensamento científico e o pressuposto do ideal de neutralidade que implica a sua atividade, signo do saber objetivo e tecnocrático sob cuja estruturalidade a civilização ocidental se estabeleceu, desenvolvendo uma relação com a realidade que, se não relega a filosofia à condição de refém, reclama a sua cumplicidade, em ambos os casos impedindo, em nome do utilitarismo, que cumpra a sua razão de ser, investigando dos conceitos aos métodos, das conclusões à concepção de homem subjacente à matéria da ciência, inclinando-se sobre o seu arcabouço, nos pressupostos da qual se esconde, tendo em vista a sua incapacidade de se deter na análise dos próprios fundamentos (ARANHA; MARTINS, 1995, p. 133).

[...] O que podemos perguntar, desde já, é se não seria temerário entregar o homem às decisões constitutivas do saber científico. Poderia ele ser "dirigido" pela "ética do saber objetivo"? Poderia ser "orientado" por esse tipo de racionalidade? Não se trata de um "homem" ideal. Estamos falando desse homem real e concreto que somos nós; desse homem cujo patrimônio genético começa a ser manipulado; cujas bases biológicas são condicionadas por tratamentos químicos; cujas imagens e pulsões estão sendo entregues aos sortilégios das técnicas publicitárias e aos estratégias dos condicionamentos de massa; cujas escolhas coletivas e o querer comum cada vez mais se

transferem para as decisões de tecnocratas onipotentes; cujo psiquismo consciente e inconsciente, individual e coletivo, torna-se cada vez mais "controlado" pela ciência, pelo cálculo, pela positividade e pela racionalidade do saber científico[...]. Por isso, não podemos admitir que o conhecimento objetivo possa constituir a única finalidade, o único valor. Porque, não sendo capaz de fundar uma ética, torna-se incapaz de constituir o valor supremo do homem. [...]. (JAPIASSU⁵ apud Apud ARANHA; MARTINS, 1995, p. 134)

Da interdisciplinaridade dos diversos campos do saber à relevância das vivências subjetivas, da investigação que envolve os fins e as prioridades das propostas científicas à análise que abrange as condições determinantes da realização das pesquisas às consequências do emprego das técnicas, eis o papel que se impõe à filosofia diante de uma cultura que supõe o progresso como um fenômeno linear que tende automaticamente ao aperfeiçoamento humano, justificando, em suma, o seu ideal qualquer ação empreendida em seu nome (ARANHA; MARTINS, 1995, p. 132).

Traz-se o esboço do ideal de neutralidade, nem por essa razão escapa o seu paradigma de uma relação envolvendo as raízes que os ídolos da caverna desnudam, implicando uma tendência que, no caso baconiano, emerge da leitura de que "ciência e poder do homem coincidem" (BACON, 1999, p. 33), que culmina na concepção de que

[...] o saber derivado da ciência passa a ser considerado o único a ter autoridade: portanto, o poder pertence a quem possui o saber. Cria-se assim o *mito do especialista*, segundo o qual apenas certas pessoas têm competência em determinados setores específicos. A conclusão é que, se há um discurso competente, em

5 In O mito da neutralidade científica. p. 9 e segs.



contraposição, há *incompetentes* (que somos nós...), cujo *não-saber* supõe a aceitação passiva do *discurso do saber*. Caberia à teoria o papel de comando sobre a prática dos homens: a teoria manda porque possui as ideias, e a prática obedece porque é ignorante... Com essa relação hierárquica, perde-se a dialética entre teoria e práxis (ARANHA; MARTINS, 1995, p. 133)

Os Ídolos da Caverna e a Sociedade Contemporânea

Nesse sentido, pois, carregando um corpo sistemático de representações que determina as fronteiras do pensamento, normatizando a conduta e condicionando o comportamento, a questão da ideologia alcança relevância, dialogando com os ídolos da caverna (através da educação, principalmente), implicando a adaptação aos espaços preestabelecidos pela sociedade dos indivíduos, tendo em vista a capacidade de assegurar a estruturalidade da relação destes entre si e com suas condições de existência, tanto quanto a manutenção do complexo social sob a perspectiva da unidade e harmonia que, em nome da justificação das diferenças, oculta, em suma, a influência do poder dominante, como diagnostica Jean-Pierre Vernant, investigando a cultura grega e a sua ordem de valores:

M. P-M. Schuhl observou na ideologia dessa sociedade de escravos as características que talvez tenham bloqueado antecipadamente o pensamento em direção à técnica: à ordem de valores constituídos pela contemplação, pela vida liberal e ociosa, pelo domínio do natural, a cultura grega opõe, como sendo negativas, as categorias depreciadas do prático, do utilitário, do trabalho servil e do artificial (VERNANT apud ARANHA; MARTINS, 1995, p. 135)

Se o percurso histórico da razão, à altura da tendência deflagrada pelo movimento iluminista, cujo “ideal de ciência era o de um saber posto a serviço do homem, e não o de um saber cego, seguindo uma lógica desvinculada de fins humanos” (ROUANET⁶ apud ARANHA; MARTINS, 1995, p. 124), desemboca, em nome do caráter autocêntrico que o ideal prometício (absolutizando a inversão dos pressupostos hierárquicos em questão) impõe, no abismo da pós-modernidade, caracterizado pelo aborto (ou eutanásia) dos liames ideológicos, é o cientificismo tecnológico que emerge estruturalizando a hiper-realidade (mundo dos simulacros fundamentalizado pela imagística construída pela TV e pelos meios de comunicação de massa), tanto quanto, antes, a sociedade de consumo, arcabouço em que, segundo Baudrillard, “necessidades, forças e técnicas naturais são substituídas por um sistema em que os objetos de consumo dão forma e significado à vida cotidiana” (FOLHA DE S. PAULO, 2007, p. 5).

Consumismo. “Tendência a perceber o mundo como basicamente um enorme recipiente dos potenciais objetos de consumo e de moldar todas as relações humanas conforme o padrão de consumo” (BAUMAN in PERES, 2007, p. 4). Eis a referencialidade que se impõe ao processo formativo-educacional, de acordo com a leitura da professora Olgária Matos (que propõe uma reflexão acerca da questão envolvendo a condenação dos jovens à condição de “consumidores e consumidos”), que se torna relevante na abordagem da relação envolvendo os ídolos da caverna e a sociedade contemporânea:

Mesmo que não exista essa autoconsciência de que a educação está preparando cidadãos para o consumo, ela está adaptando aos valores do consumo: a eficácia, a produtividade, a competição. Tudo

⁶ In As razões do Iluminismo. p. 27.



isso prejudica a formação. [...]. (In FILHO, 2006, p. 2)

Nessa perspectiva, quanto a questão referente à indisposição dessa geração no tocante à educação dos sentidos em um tempo dominado pelas imagens eletrônicas, o seu pensamento destaca

a crise da imaginação. Ela supõe um vazio interior em que você entra em contato consigo mesmo. Esse tempo necessário está sendo preenchido por ativismos, qualquer tipo de ação – e, sobretudo as ações, hoje, tendem a ser desprovidas de sentido. No fundo, você não percebe o sentido da sua ação ou o sentido da posse de seu tempo. Você fica esperando que venha de fora aquilo que deve fazer, aquilo que deve pensar, aquilo que deve gostar. Então, essa falta de experiência da autonomia, de você escolher os seus caminhos, as suas preferências doutrinárias, de lazer, de entretenimento, compromete muito a concentração. O problema é que o entretenimento ocupa o lugar que a formação deveria ter (In FILHO, 2006, p. 2)

Imaginação. Simulacro – “percepção de tudo o que parece 'realidade', mas da qual não podemos dizer onde está a diferença entre 'representação' e 'o que é representado'” (BAUMAN in PERES, 2007, p. 4). Crise. De identidade.

Pretendendo se sobrepor à ruptura em questão, à gestação dos “ismos” religiosos que, desvelando o umbral do arcabouço mítico, emergem na “modernidade líquida” (conceito de Bauman, que remete à incapacidade endêmica de algo – no caso, a sociedade - conservar sua forma) que caracteriza a sociedade contemporânea, se impõe a impotência do cientificismo tecnológico de responder aos desafios que desde sempre se inclinam sobre a existência humana, a saber (não necessariamente nessa ordem) - primeiro, satisfazer a vontade de saber dos homens; segundo, mitigar o medo

dos homens perante os perigos da vida; e terceiro, formular prescrições, proibições e restrições (funções que, segundo Freud, a religião, fundamento do arcabouço educacional da época, cumpria, tendo em vista a domesticação da realidade paradoxal do desejo).

Nessa perspectiva, à “eclipse da razão”⁷, tendo em vista que “a técnica e o cálculo ao serviço de interesses privados, anulando todos os valores, fazem reinar 'a frieza que é o princípio da subjetividade burguesa, sem a qual Auschwitz não teria sido possível' (ADORNO apud BARAQUIN; LAFFITTE, 2004, p. 11-12), os ídolos da caverna dialogam com os valores que a crítica do filósofo Sérgio Paulo Rouanet identifica, analisando a atomização em diversas morais, dos jovens às seitas religiosas, dos movimentos ecológicos e pacifistas aos homossexuais... às feministas, etc. (ARANHA; MARTINS, 1995, p. 288), evento que remete, em suma, à perda do sentido de totalidade da ação humana diante do fenômeno pós-orgiaco⁸. Diz Rouanet:

A tentação mais óbvia é recolocar a moral sobre fundamentos religiosos. O cristianismo está sempre disponível, mas não faltam alternativas pós-modernas, que vão desde os fundamentalistas evangélicos ou carismáticos, até o esoterismo. Quando a tradição religiosa não basta, há receitas ecléticas, um pouco de Jung, algum Herman Hesse, Reich em pequenas doses, e muita meditação no interior de pirâmides de cristal, entre um baralho de tarô e um livro de

7 Adorno afirma que a razão “passou a ser 'um mito' e o racionalismo uma ideologia mistificadora” (Apud BARAQUIN; LAFFITTE, 2004, p. 11).

8 A orgia, segundo Baudrillard, representando “todo momento explosivo da modernidade, a libertação em todos os domínios” (Apud BARAQUIN; LAFFITTE, 2004, p. 58), trata-se de uma “metáfora de liberação” manifesta na sociedade moderna, enquanto que a pós-orgia seria a reação a essa explosão, uma implosão (FOLHA DE S. PAULO, 2007, p. 5).



Aspectos Conclusivos

Se “rede” - “tecido de malhas largas para apanhar peixes ou aves; tela de arame; tecido fino, de malhas [...]; conjunto de estradas, de vias (...); de linhas [...], de canos [...], etc., que se entrançam uns nos outros” (FERREIRA) -, torna-se sinônimo de “sociedade”, segundo a perspectiva baudrillardiana¹⁰, quantos não são os “ismos” (que, afinal, não se esgotam senão como “istmos”) que se interpondo neste emaranhado sócio-cultural os ídolos da caverna carregam, como as raízes dos microgrupos cujo funcionamento, caracterizado por uma especificidade comportamental que se impõe pela excentricidade, traz como eixo um horizonte de objetivos compartilhados que, embora interdependente (até em face da sua existência ou sobrevivência sócio-cultural), pretende se contrapor aos paradigmas vigentes na circunscrição do arcabouço social.

E sintetizando a massificação cultural, inescapável ao contexto em questão (que remete ao hiper-realismo da “sociedade da comunicação”), Baudrillard esclarece, desmistificando a ficção, a quase irreversível, mas “domesticável”, tendência ao narcisismo biopsicocultural:

[...] O universo da comunicação é monofuncional. Existe uma mobilidade e é preciso que tudo seja dito. É preciso que tudo circule [...]. Tudo comunica e tudo se torna

9 Dilemas da moral iluminista. In Adauto Novaes (org.). Ética. p. 157.

10 Por ocasião da Segunda Conferência das Nações Unidas sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento (1992), perguntado se a Eco 92 traria resultados (mesmo sendo um tipo de simulacro), eis a declaração de Baudrillard: “A rede funciona, o processo é de rede, de circuito. Estabelecemos o consenso pela circulação acelerada das coisas. Se você está dentro de uma rede, você está em consenso.” (BAUDRILLARD apud MACIEL, 2007, p.6)

comunicação. Nada muda verdadeiramente, não há uma forma de alteridade, de antagonismo, de relação dual [...]. (MACIEL, 2007, p. 6)

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna. 1995.

AUGIER, Jean-Pierre. Marca d’água. *Si tous les gars du Monde*. 2010.

BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza*. Nova Atlântida. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. O Pensadores. São Paulo: Nova Cultural. 1999.

BARAQUIN, Noëlla; LAFFITTE, Jacqueline. *Dicionário de Filósofos (Dictionnaire des Philosophes)*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Coleção Lexis. Lisboa: Edições 70. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista. In PERES, 2007.

DURANT, Will. *A História da Filosofia*. Os Pensadores. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural. 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. 2ª. Edição - Revista e Ampliada. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

FILHO, Antonio Gonçalves. *Educar, a última chance do Brasil*. Cultura. Filosofia/Entrevista. O Estado de S. Paulo. 17/12/2006.



FOLHA DE S. PAULO. Da redação. *O jargão incompreensível*. Entenda os conceitos-chave. São Paulo. 11/03/2007.

JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Apud ARANHA; MARTINS, 1995.

MACIEL, Katia. *Brasil é o império das ilusões*. Folha de S. Paulo. 11/03/2007;
MATOS, Olgária. *Filosofia/Entrevista*. In FILHO, 2006.

PERES, Marcos Flamínio. *O homem que inspirou Matrix*. Mais! Folha de S. Paulo. 11/03/2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. p. 27. Apud ARANHA; MARTINS, 1995.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Dilemas da moral iluminista*. In Adauto Novaes (org.). *Ética*. p. 157. Apud ARANHA; MARTINS, 1995.

